



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**CAROLAINÉ BARBOSA E SILVA**

**JUVENTUDE DE TERREIRO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA CONTINUIDADE  
EM UMA EXPERIÊNCIA ANCESTRAL BASEADA NA ANCIANIDADE**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2024**

**CAROLAINÉ BARBOSA E SILVA**

**JUVENTUDE DE TERREIRO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA CONTINUIDADE  
EM UMA EXPERIÊNCIA ANCESTRAL BASEADA NA ANCIANIDADE**

Projeto de pesquisa apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Marlon Marcos Vieira Passos.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2024**

**CAROLAINÉ BARBOSA E SILVA**

**JUVENTUDE DE TERREIRO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA CONTINUIDADE  
EM UMA EXPERIÊNCIA ANCESTRAL BASEADA NA ANCIANIDADE**

Projeto de pesquisa apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Data de aprovação: 13/05/2024.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Marlon Marcos Vieira Passos (Orientador)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Claudia de Souza Gomes**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Michelle Cirne Ilges**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>PROBLEMA DE PESQUISA</b>	<b>7</b>
2.1	DELIMITAÇÃO DO TEMA	7
<b>3</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>7</b>
<b>4</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>8</b>
4.1	GERAL	8
4.2	ESPECÍFICOS	8
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>8</b>
<b>6</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>9</b>
<b>7</b>	<b>CRONOGRAMA</b>	<b>12</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>13</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No mais íntimo dos meus escritos, desejos e sonhos, sinto as muitas águas que me trouxeram até aqui. As águas das marés da comunidade da Marianga na cidade de Maragogipe-BA, que me alimentaram e banharam, as águas das nascentes que mataram minha sede e trouxeram a fluidez de possibilidades que intimamente Oxum me ofertou, as águas do porrão de barro<sup>1</sup>, ofertadas pelas mãos da minha grande anciã, minha vó Daí, meu mais afetuoso sopro ancestral. Dentre todas as águas que me compõem, este projeto nasce a partir do meu local, enquanto uma jovem mulher de pele preta, oriunda de família quilombola do Recôncavo baiano, que perpassa por diversas vivências (e violências) que me conduziram e moldaram, de maneira ancestral, ao encontro do Ilê Asé Omin Oluwó Ejigbô, localizado na cidade de Salvador-BA, e me permitiu me tornar iaô na atualidade. Que hoje, aos 24 anos, vivendo tantas inquietações pessoais, desperto em mim indagações de como manter vivos costumes e valores de uma religião e modo de vida (Nascimento, 2016), o candomblé. E como manter vivo valores fundamentais para o candomblé com a hierarquia iniciática e o senso de comunidade (hooks, 2021), e o que atravessa a juventude de candomblé a partir destas questões.

Assim, em um resgate na memória, relembro o dia em que cruzei os portões do Asé Ejigbô, onde não poderia imaginar que aquele local se tornaria minha casa, meu terreiro e meu desejo de pesquisa. A obrigação que construo e cobro a mim mesma desde então, é a de não deixar que tantas outras memórias sejam apagadas e esquecidas dentro do que chamamos de terreiro de candomblé, pensando assim nos caminhos de ensinamentos destes mais velhos e destes jovens que passarão a ocupar também o espaço de ancião em um futuro não tão distante. Cogitando, o que pode ser a amplitude destes caminhos, início este diálogo referenciando Exu, o mensageiro, o dono dos caminhos (Machado, 2010). Com o intuito de buscar identificar e compreender a suposta diversidade dos discursos e amplitude dos desafios que poderão aqui ser identificados. Deste modo, busco entender como a colonialidade em tempos contemporâneos gerou perdas ou não das tradições africanas em solo diaspórico no contexto Brasil, buscando interpretar, a partir da essência de Exu (Rufino, 2019) enquanto senhor do movimento, esta realidade onde

---

<sup>1</sup> Porrão de barro: Vaso de barro utilizado para armazenar água.

o colonialismo como educação a serviço da dominação e trazendo pontos como: a problemática da política do conhecimento também na visão etnico-racial; os modos de educação intercultural: elaboração de pedagogias decoloniais. As mudanças decorrentes ao longo do período histórico no que se refere às religiões de matrizes africanas, como podemos observar nas análises de Vivaldo da Costa Lima (1984) onde apresenta visão mais tradicional e conservadora dos costumes, e pensamentos de Miriam C. M. Rabelo (2015), trazidos em seu artigo “Aprender a ver no Candomblé” que traz de maneira sensível como é possível experienciar o candomblé em vivências cotidianas. Ou ainda, a compreensão dos conceitos “transnação” (o encontro de nações em uma mesma casa de candomblé, convivendo simultaneamente) e o de “águas que viram” (Passos, 2016), modo popular de indicar a mudança de nações no candomblé, onde evidenciamos que esta prática não é algo incomum ou contemporâneo, e sim, uma realidade possível desde o “candomblé de antigamente”.

Aqui, percebo as dificuldades atuais que a juventude de candomblé tem para acessar, enxergar e preservar de modo profundo os costumes passados pelos seus mais velhos de axé, respeitando assim, o comportamento hierárquico, a noção de idade e tempo (Prandi, 2001). Ao tratarmos de ritualidade no candomblé, a idade cronológica difere da idade iniciática, onde o jovem é aquele que tem menor tempo de iniciação (abiã, iaô), assim tem “limitações” no seu comportamento e acesso aos segredos, dentro destes comportamentos a “simbologia” do comer de mão, os resguardos religiosos e adaptações que formam sua identidade enquanto jovem de candomblé, acionando aqui também a noção de juventude ritual vista em Marlon Marcos Vieira Passos, onde ser jovem no candomblé nem sempre tem a ver com a idade cronológica dos indivíduos. Diante da importância das religiões de matrizes africanas para a preservação da cultura afro-brasileira e também sobre as afirmações raciais da negritude, a presente proposta de pesquisa busca analisar, em um estudo de campo de feição etnográfica, os obstáculos, os desafios e as possibilidades enfrentados pela juventude de candomblé para manutenção das principais tradições que formulam esta importante religião praticada por muitos brasileiros.

## **2 PROBLEMA DE PESQUISA**

Quais os desafios e as possibilidades vivenciadas pela relação ancianidade e juventude no candomblé baiano da atualidade?

### **2.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA**

Esta pesquisa tem como tema a Juventude de Terreiro: Desafios e Perspectivas da Continuidade em Uma Experiência Ancestral Baseada na Ancianidade. A fim de apresentar alguns dos desafios atuais e perceber algumas perspectivas futuras enfrentados pela juventude que integram os terreiros para continuar o legado dos seus mais velhos. Essa pesquisa ocorrerá no Ilê Asé Omin Oluwo Ejigbô, situado no bairro de Cajazeiras XI, em Salvador da Bahia.

## **3 JUSTIFICATIVA**

Apresento esta proposta de pesquisa com a finalidade de identificar e expor através de um estudo de campo quais seriam os obstáculos, as possibilidades e a situação atual vividos pela juventude de candomblé. São numerosos os desafios enfrentados pela diversa juventude que integra as religiões de matrizes africanas. Se tratando especificamente da juventude de Candomblé, aqui abordada como “juventude de terreiro”, que corresponde também ao que o antropólogo Marlon Marcos chama “juventude ritual” (Passos; Prelo, 2024), se faz necessário um estudo detido acerca das principais inquietações e inseguranças que acometem o povo jovem de santo nessa contínua contradição entre tradição e modernidade (Lima, 2015), por isso, uma pesquisa de cunho social se faz de suma importância para conhecermos, com certa profundidade, o fenômeno religioso aqui apresentado.

A relevância social desta pesquisa consiste em colaborar com o entendimento sobre o desenvolvimento das pessoas em uma comunidade de terreiro, analisando os encontros etários, as regras expostas pelo que se impõe como tradição, os conflitos estabelecidos pelas regras que regem as casas de santo e a experiência do mundo social experimentado em suas demandas com o tempo presente.

## **4 OBJETIVOS**

### **4.1 GERAL**

A partir de uma pesquisa de campo, de feição etnográfica, busco compreender os desafios, as desistências e a continuidade da juventude vivenciando o dia a dia em um terreiro de candomblé na contemporaneidade.

### **4.2 ESPECÍFICOS**

1. Compreender o que é a juventude no candomblé e como se dá o processo de transmissão de fazeres, saberes e conhecimentos em acordo com os fundamentos e as normas de conduta estabelecidas pela casa estudada.
2. Apontar através da pesquisa as dificuldades enfrentadas pela juventude ritual frente às normas de ensinamentos no candomblé e os eventuais conflitos geracionais entre o que conhecemos como “novo” e como “velho” vivenciados dentro e fora das chamadas casas de santo.
3. Analisar os atritos, o exercício da responsabilidade religiosa com a preservação desta cultura espiritual e as possíveis inseguranças frente ao grande desafio gerado pela necessidade da permanência dos indivíduos jovens e das culturas herdadas, em séculos, na seara das religiões de matrizes africanas.

## **5 METODOLOGIA**

A presente pesquisa busca por meio de uma investigação de campo, analisar o cotidiano de jovens que participam do universo dos terreiros nas mais variadas posições e cargos rituais, entrevistando-os sobre suas mais diversas inquietações, desafios, queixas, tristezas, alegrias, medos, desejos, objetivos, permanência, desistência, frente a todas as dificuldades que se apresentam na prática filosófica e religiosa do candomblé. A base desta proposta se estrutura numa pesquisa de feição etnográfica, entendendo minha participação no campo como algo fundamental para a realização dos meus intentos como pesquisadora. Compreendo a etnografia (Peirano,

1995; Uriarte, 2012), em duas dimensões: a primeira, a que pede a presença imprescindível do pesquisador no cotidiano da vida das pessoas e das coisas (Ingold, 2012); a segunda, que apresenta a noção de afetação, vista em Favret-Saada (2005), na qual todo pesquisador é envolvido e se envolve na dinâmica coletiva do campo pesquisado, devendo fazer parte do mesmo de maneira simétrica e genuína.

Portanto, minha pesquisa de campo, pela própria natureza do meu envolvimento com o objeto, terá feições etnográficas onde farei anotações diárias, construirei relatórios, participarei de rituais religiosos, eventos civis, analisarei documentos como fotografias, cartas, produções intelectuais dos jovens. Farei entrevistas estruturadas e semi-estruturadas com todos e todas que fazem parte da comunidade estudada, objetivando a construção de um texto monográfico que apresente meus dados e análises sobre a proposta de pesquisa aqui apresentada.

## **6 REFERENCIAL TEÓRICO**

No universo religioso do candomblé, a juventude ritual (Passos; Prelo, 2024) é um posicionamento hierárquico baseado no processo de iniciação dos indivíduos. Na perspectiva de Mirian Rabelo (2015), a análise crítica do conceito de tempo é fundamental para a compreensão desta noção. Em primeira instância, traz a noção dicotômica entre tempo forte e tempo fraco/morto. O tempo forte estaria na agitação envolvida no candomblé em diversos momentos onde a agilidade se faz necessária, tempo de relacionamentos renovados. A relação entre o tempo das coisas vivas e o tempo fraco, ou tempo morto segundo a mesma, seria, então, os momentos onde se faz necessário dentro da rotina de candomblé, desacelerar e aguardar o tempo em suas demandas e redefinições. Em contrapartida, o tempo forte seria o que gera movimentos para frente e para trás, onde o tempo presente seria o das coisas vividas na relação contínua entre humanos e não-humanos, trazendo a necessidade de algo que precisa ser cultuado e assim alimentado por possuir vida, pois na visão cosmológica do candomblé, as quartinhas, os otás, os atabaques são materiais que possuem vida e tem agência sobre as pessoas, assim como os inquices, e voduns, os orixás (Passos, 2016). Um dos grandes aprendizados no candomblé é aprender a ver as coisas e senti-las através da força/vida que elas têm. Aquilo que Rabelo chama de agência se reportando ao pensamento sociológico de Max Weber (1999). Aprender

tem a ver com a juventude ritual (Passos; Prelo, 2024), e este aprendizado, à maneira singular dos terreiros, estabelece regras rígidas e hierárquicas que, muitas vezes, chocam as pessoas novas às realidades litúrgicas e de convívio nas casas de candomblé. O “jovem ritual” aprende a ver o que está oculto a partir do local que se é possível acessar, e vai se preparando em relação ao seu crescimento espiritual. Por isso, aprender a ver no candomblé (Rabelo, 2015) se faz uma prática comportamental obrigatória para quem quer prosseguir nesta religião. Além dos formatos específicos de aprendizagem, o “jovem ritual” enfrenta também algumas diversidades geracionais com os seus “mais velhos”, gerando assim muitos conflitos que podem impedir a continuidade de jovens praticantes do candomblé.

Se faz necessário estudar, à luz de algumas teorias socioantropológicas, esses sistemas culturais e religiosos baseados naquilo que Eduardo Oliveira (2012) chama de Filosofia da Ancestralidade, acessando os aportes epistemológicos empreendidos nos terreiros que foram herdados de antigas civilizações africanas e que nos guiam, até hoje, na reatualização de muitos mitos a partir dos rituais realizados nos terreiros. O aprendiz no terreiro é aquele que se acende na chama da continuidade, precisa ter parcimônia e sabedoria, agir, muitas vezes, como um sábio ancião, para aprender a se comportar conforme ao que se construiu como tradição (Lima, 2002) naquele espaço sagrado e escolar em termos religiosos e culturais. O terreiro é lugar de educação (Caputo, 2012; Machado, 2010; Santana, 2017) que constrói subjetividades numa perspectiva afro-brasileira e nos coloca em sintonia com uma história mais verdadeira em relação ao que podemos chamar de povo brasileiro. Nessa dinâmica de uma socioaprendizagem nos terreiros entre todos os envolvidos, a pesquisadora Maria Aparecida Santos Santana (2017, p. 11), afirma:

As comunidades de matriz religiosa afrodescendentes no Brasil representam, atualmente, a memória viva das sociedades tradicionais africanas e salvaguardam esta cultura, desde o zelo e respeito pela natureza de onde eles retiram a sua religiosidade e energia vital, até a culinária, valores, princípios, hierarquia, língua, estética e indumentárias.

Nesse sentido, a educação como sistema de aprendizagem é uma constante, onde todos os membros e membras se envolvem neste processo e Santana (IDEM) continua:

Os saberes são produzidos através das relações sociais e da herança cultural e, todos os indivíduos nos diversos espaços por onde transitam, constituem-se como sujeitos de ensino aprendizagem. Nas religiões de matriz africana a oralidade é utilizada como veículo para a transmissão dos saberes e valores ancestrais. Desta forma, crianças e jovens que crescem nos terreiros de Candomblé, por exemplo, aprendem a partir das práticas presentes no cotidiano religioso da comunidade sobre respeito e ética e compreendem o mundo e entendem as organizações e os papéis sociais.

A relação entre os mais novos e os mais velhos nessas comunidades costumam ser baseadas no respeito e na rígida obediência da hierarquia (Lima, 2003). O que é ensinado aos jovens não sai somente da boca dos humanos mais velhos, sai da fala encantada das entidades espirituais que se manifestam naqueles iniciados e autorizados para esta distinção. Os caboclos, por exemplo, nos terreiros funcionam como mestres altivos, assim como explica o antropólogo Marlon Marcos Vieira Passos (2022, p. 26):

Os caboclos são divindades manifestas de olhos abertos e gestos bravios considerados os verdadeiros donos da terra deste lugar chamado Brasil. Um ser cuidador que evoca, em cânticos e dizeres, uma sabedoria ancestral considerada por muitos como indígena e entrecruzada com os conhecimentos religiosos e culturais de várias etnias africanas que vieram e ajudaram a civilizar o chamado povo brasileiro. Além das perspectivas culturais de espanhóis, portugueses, turcos, mexicanos, entre outros.

Na seara da educação, as entidades espirituais ensinam, mas também aprendem. É isso que buscarei demonstrar com a pesquisa: a juventude ritual e a sabedoria anciã estão no dia a dia dos terreiros e tocam em todas as pessoas para além de sua idade cronológica ou de iniciação no candomblé, assim, como os inquices, voduns, orixás, caboclos, marujos, erês, todos ensinam e aprendem levando em consideração o desejo de fazer com que os fundamentos e o bom convívio não faltem no cotidiano dessas casas de santo como afirma o antropólogo Vivaldo da Costa Lima (2003).

Buscarei novos autores que me ajudem a entender os desafios da convivência nesses espaços, mas, algumas definições e especificidades dos terreiros como searas de conhecimento me inclinarei às assertivas conceituais de autores como Muniz Sodré (2002; 2017), Vanda Machado (2010), Eduardo Oliveira (2012), Wanderson Flor do Nascimento (2016) e Stela Caputo (2012).



## REFERÊNCIAS

CAPUTO, S. G. **Educação nos terreiros e como a escola se relaciona com crianças de candomblé**. Rio de Janeiro: Pallas. 2012

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005

hooks, bell. **Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante, 2021.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

LIMA, Fábio. **Diáspora e Ancestralidade**. Salvador- BA: Kawo Kabiyesile, 2015.

LIMA, Vivaldo da Costa. Os Obás de Xangô. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 2-3, 1966. DOI: 10.9771/aa.v0i2-3.20246.

LIMA, Vivaldo da Costa. Nações de Candomblé. Encontro de nações de candomblé (1981 – Salvador, BA). Centro de Estudos Afro-Orientais, Salvador, 1º a 5 de junho de 1981. **Anais [...]** Salvador, BA: Ianamá; Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA; Centro Editorial e Didático da UFBA, 1984.

LIMA, Vivaldo da Costa. **A Família de Santo nos candomblés jejes-nagô na Bahia: um estudo de relações intragrupais**. 2. ed. Salvador, BA: Corrupio, 2003.

MACHADO, Vanda. **Ilê Axé: Vivências e Invenção Pedagógica - As crianças do Opô Afonjá**. Salvador: EDUFBA, 1999.

MACHADO, Vanda. **Exu: o senhor dos caminhos e das alegrias**. Salvador: IV ENECULT ( UFBA), 2010.

MARCOS, Marlon. **Entre o Jocosos e o Sagrado: cânticos, sotaques e ensinamentos de caboclo em candomblés de Salvador**. Salvador (BA): Kawo Kabiyesile, 2022.

NASCIMENTO, Wanderson Flor. Sobre os candomblés como modo de vida: Imagens filosóficas entre Áfricas e Brasis. **Revista Ensaios Filosóficos**, 2016.

OLIVEIRA, Eduardo David. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira. **RESAFE**, 2012.

PASSOS, Marlon Marcos Vieira. **Iyá Zulmira de Zumbá: uma trajetória entre nações de Candomblé**. 2016. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador 2016.

PASSOS, Marlon Marcos Vieira. **Iyá Zulmira de Zumbá: o sacerdócio das águas que viram**. In: PACHECO, Ana Cláudia; NUNEZ, Joana Maria Leôncio; REIS, Larissa

de Souza. **Candaces**: gênero, raça, cultura e sociedade. Salvador (construindo redes na diáspora africana): Eduneb, 2019

PASSOS, Marlon Marcos Vieira. "**Oxalá**: a travestilidade em um corpo ancião e divino". ( No prelo)

PRANDI, Reginaldo. O Candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol. 16, nº 47, pág. 43 - 58, outubro/2001

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. Brasília: Espaço Averno – UNB, 2014

RABELO, Miriam Cristina Marcilio. Aprender a ver no Candomblé. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, Vol.21, Nº 44, pág. 229-251, jul./dez. 2015.

RABELO, Miriam Cristina Marcilio. O presente de Oxum e a construção da multiplicidade no candomblé. **Religião & Sociedade**, v. 35, p. 237-255, 2015.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas. Exu como educação. **Revista Exitus**, Santarém/PA 2019. Vol. 9, Nº 4, pág. 262 - 289, Fora/Dez 2019.

SANTANA, Maria Aparecida Santos. **Educação de Terreiro**: o Terreiro de Candomblé como lugar de educação. 2017. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2017.

SANTANA, Maria Aparecida Santos. **Epistemologias de terreiro**: o lugar-terreiro como promoção de saúde. ( Monografia) São Francisco do Conde (BA) – UNILAB, 2022.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**: a forma soéial negro-brasileira. Rio de Janeiro: Imago Ed.,Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2017.

URIARTE, Urpi Montoya. **O que é fazer etnografia para os antropólogos**. São Paulo: Ponto Urbe – USP, 2012.

WEBER, Max. 1999. **Economia e Sociedade**. Editora UNB: Brasília